

A ESTIMULAÇÃO DA FALA NO DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS COGNITIVAS E COMUNICATIVAS DA CRIANÇA

STIMULATION OF THE TALK IN THE DEVELOPMENT OF CHILDREN'S COGNITIVE AND COMMUNICATIVE COMPETENCES

Arnaldo Mecias Linard¹

Loiva das Graças Soares Silva²

Francisca Valda Gonçalves³

Eraldo Carlos Batista⁴

Resumo: Este artigo faz uma análise reflexiva sobre a importância da estimulação da fala para o desenvolvimento das competências cognitivas e comunicativas da criança pela escola. O estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica a fim de fundamentar o assunto pesquisado. No cotidiano familiar, bem como nas escolas, algumas crianças recebem poucos recursos que estimulem o desenvolvimento da linguagem, fator que interfere diretamente na construção socio educacional. Sendo assim, faz-se necessária atenção especial às crianças durante todo o período de aquisição da linguagem, a fim de detectar, logo cedo, possíveis problemas que venham a interferir em seu processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desenvolvimento cognitivo. Linguagem. Aprendizagem.

Abstract: This article makes a reflexive analysis on the importance of speech stimulation for the development of children's cognitive and communicative skills by the school. The study was carried out based on Bibliographic research in order to substantiate the researched subject. In the family everyday as well as in the schools, some children receive few resources that

¹ Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Rolim de Moura – FAROL.

arnaldo_cfc@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia, Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior, Docente da Faculdade de Rolim de Moura – FAROL. loiva.silva@farol.edu.br

³ Mestre em Ciências da Linguagem pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Campus de Guajará-Mirim, Doutoranda em Psicologia, DINTER pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS – Faculdade Católica de Rondônia – FCR; Bolsista SEDUC/RO. vandavalda@gmail.com

⁴ Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica - PUCRS, Mestre em Psicologia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Especialista em Saúde Mental pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB e Professor Substituto da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Campus de Rolim de Moura no Departamento de Educação. eraldo.cb@hotmail.com

stimulate the development of language, a factor that directly interferes in the socio-educational construction. Therefore, special attention is needed to children throughout the period of language acquisition, in order to detect early problems that may interfere in their learning process.

Keywords: Early Childhood Education. Cognitive development. Language. Learning

1 INTRODUÇÃO

Desde os primeiros meses de vida, as crianças passam a emitir sons que, a partir de um ano de idade, se transformam nas primeiras palavras, nos primeiros diálogos. Esse processo evolui principalmente em razão da ligação afetiva que a criança estabelece com os mais velhos quando reproduzem sons, cantam músicas infantis. Tudo isso propicia o desenvolvimento da linguagem oral (BARROS; GOMES, 2008).

Sendo assim, a estimulação da linguagem deve ser definida por palavras e termos com informações pela quantidade de palavras utilizadas por eles, pela qualidade desse estímulo e pela qualidade dos diálogos/conversas entre pais e filhos (CARVALHO; LEMOS; GOULART, 2016). Crianças que são apresentadas apenas ao contato televisivo, por exemplo, demoram mais a se comunicar, pois a TV não oferece condições para o diálogo, bem como afetividade no processo comunicativo. Isso se deve ao fato de que, enquanto a criança está em frente à televisão ou ao vídeo game, não está brincando, seja sozinha ou com os colegas, pois a brincadeira é essencial para o desenvolvimento saudável da espécie humana (ELKONIN, 2009).

Sendo assim, o déficit no desenvolvimento da fala de algumas crianças pode estar associado a vários fatores, dentre entre os quais se encontra a falta de estímulos adequados. Saber conversar com uma criança, apresentar o mundo a ela, nomear os objetos, os brinquedos, cantar, ler histórias, brincar no parque, brincar de faz-de-conta, são formas de estimulação. Ouvir e contar histórias reveste-se de inúmeros significados. Esse hábito está interligado ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir e de se expressar, à construção de identidade e aos cuidados afetivos (OLIVEIRA; BATISTA; FERREIRA, 2016).

O presente trabalho analisa a relação entre o desenvolvimento da fala e

as competências cognitivas e comunicativas. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica em diversos livros, periódicos, artigos impressos e da internet, a fim de fundamentar o assunto em estudo.

A discussão socializada neste texto será apresentada em quatro tópicos distintos: o primeiro trata do desenvolvimento da fala no domínio da linguagem; o segundo defende a importância do estímulo à fala, abordando ainda os distúrbios da fala; o terceiro traz uma discussão acerca da importância do uso da linguagem desde o início da vida da criança, bem como das implicações da linguagem nos processos de aprendizagem.

2 DESENVOLVIMENTO DA FALA E DOMÍNIO DA LINGUAGEM

Considerando que o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento de capacidades linguísticas da criança, uma das tarefas da educação é ampliar, integrar, e ser contingente da fala das crianças em contextos comunicativos para que elas se tornem aptas a se comunicar. Um aspecto fundamental a respeito da linguagem humana é que todo ser humano, no convívio de uma comunidade linguística, fala pelo menos uma língua, a língua materna, aprendida com rapidez surpreendente até os cinco anos de idade (BRASIL, 2002).

O desenvolvimento da linguagem e da fala, embora de certa forma por processos diferentes, acontece nos primeiros anos de vida da criança. Portanto, é necessário falar com as crianças em diversas situações, permitindo que elas reconheçam e apropriem-se do universo discursivo e dos diversos contextos onde a linguagem oral é produzida, utilizando a fala com clareza, sem infantilizações e não imitando o jeito com que a criança fala, pois “quando se pretende ensinar a falar, se deve saber ouvir” (BLOCH, 1985, p. 19).

De acordo com Vigotsky (2008), aprendizagem e linguagem não se dissociam, pois é através da linguagem, em suas diversas formas de manifestação, verbais ou não verbais, incluindo-se olhares, gestos e movimentos, que os sujeitos interagem uns com os outros e, também, com o mundo que os rodeia. Por intermédio desses diferentes momentos interativos,

além da comunicação, o conhecimento é produzido.

Cabe ao Professor, contextualizar o desenvolvimento da criança, percebendo-a no espaço próprio da educação infantil, verdadeiramente rico e espontâneo. Assim o professor deve auxiliar na construção coletiva das falas dos alunos, para torná-las completas e complexas. Ouvir atentamente o que o aluno diz, para ter certeza de que entendeu o que ele falou, podendo refletir com ele, por meio de perguntas ou repetições, o que ajudará na continuidade da conversa. Ou seja, é no processo interativo e discursivo que se dá a essência e toda a base da construção compartilhada de conhecimento, que evidencia os processos de mediação da linguagem (COLAÇO, 2004)

Criar situações para propiciar o desenvolvimento da oralidade através do canto, da música e da leitura de textos e histórias em voz alta, atraindo a atenção do aluno, para com isso expressar sua compreensão por meio da oralidade. Organizar um ambiente que oportunize a manipulação de livros, gibis, revistas etc., ampliando a fala das crianças.

Bertoldi (2010) afirma que por volta dos dois anos a criança estará desenvolvendo ativamente a linguagem de maneira que se inicie, assim, a capacidade de representar uma coisa por outra, formando esquemas simbólicos. Assim, a professora deve participar do desenvolvimento verbal das crianças, sempre buscando trabalhar com a interlocução e a comunicação efetiva entre os participantes da conversa.

Há também o importante papel de “evocador” (BRASIL, 1998) de lembranças para enriquecer a narrativa das crianças, propiciando: a) o uso da linguagem oral para conversar, comunicar-se, relatar suas vivências e expressar desejos, vontades, necessidades e sentimentos, nas diversas situações de interação presentes no cotidiano; b) a participação em situações de leitura de diferentes gêneros feita pelo professor, como contos, poemas parlendas, trava-línguas etc.; c) A participação em situações cotidianas, nas quais se faz necessário o uso da leitura e da escrita; e, d) A observação e manuseio de materiais impressos como livros, revistas, histórias em quadrinhos etc. (BRASIL, 1998).

Para alcançar tais objetivos, ao professor cabe facilitar o acesso da

criança à linguagem oral e escrita, através de incentivos como: a) Aplicação de atividades em sala como, leitura e reescrita de parlendas, trava-línguas, piadas, adivinhas, histórias e músicas; b) Vocalização em diversas atividades para e com a criança; c) Criação de situações em que a criança brinque com a voz sem interferência de outras pessoas; d) Aplicação de onomatopeias tais como: *a, uau, miau, brrr, cócó, muuuuu*; e) Introdução ao vocabulário compreensivo e expressivo do aluno com termos referentes a ações que normalmente executa, através de comentários do professor e familiares enquanto se executa ação: ação provocada através de imitação e, após um período, solicitar que execute; f) Observação de figuras com ações possíveis, para que as identifique ou expresse; e g) Apreciação de histórias e música. (BRASIL, 1998).

O professor, na condição de mediador da aprendizagem, auxiliará a criança nessa etapa do desenvolvimento e aprendizagem da fala. A criança deve ser devidamente motivada, estimulada, a fim de crescer no campo da linguagem, para se humanizar cada vez mais através da palavra, tendo em vista que cada vez que alcançar êxito em suas tentativas, mais motivada a criança será ao usar a linguagem (BLOCH, 1985).

3 A IMPORTÂNCIA DO ESTÍMULO DA FALA

O início do desenvolvimento da fala da criança se dá desde o nascimento através dos primeiros sons emitidos, como forma de expressão e comunicação com o mundo e, quando a criança é inserida no meio educacional, passa a ser trabalhada para desenvolver a fala na forma correta para o desenvolvimento cognitivo e comunicativo.

O período mais importante para o desenvolvimento da fala e da cognição da criança compreende os anos iniciais. Do ponto de vista legal, existem dispositivos como a LEI Nº 9.394, de 1996, por meio do seu Art. 4º e inciso IV, que traz a garantia de “atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1996), as Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (BRASIL, 2010), a Lei

8.069, de 13 de Julho de 1990, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Esses dispositivos foram criados a fim de propiciar a todas as crianças as mesmas oportunidades de acesso à educação e ao desenvolvimento, pois o atraso no desenvolvimento da fala implicará em dificuldades de aprendizagem posterior na vida, quando estiver na condição de educando.

O desenvolvimento adequado da linguagem é um dos fatores fundamentais para que o desenvolvimento infantil ocorra de forma harmônica em todas as esferas, seja do ponto de vista social, relacional ou ao nos referirmos à aprendizagem formal. A aquisição da forma, conteúdo e uso da linguagem assumem papel importante na construção da mesma e na compreensão de sua organização interna. Entretanto, não são incomuns problemas que podem interferir neste curso (MOUSINHO, 2008. p. 297).

Nessa fase, podem ser detectados possíveis problemas na fala que, sendo diagnosticados e recebendo intervenção no momento certo, será uma prevenção de extrema importância na vida da criança, pois o que a princípio pode ser apenas um atraso na fala, posteriormente poderá resultar em uma dificuldade escolar gerando consequências emocionais e comportamentais.

De acordo com Nogueira (2013), o professor se torna o mediador do desenvolvimento e da aprendizagem, no contexto do trabalho pedagógico realizado pela escola. São inúmeras as formas de mediação que se estabelecem entre as crianças e o conhecimento e entre elas destaca-se a mediação do outro, que ensina e faz junto, permitindo a construção partilhada. Dessa forma, percebe-se o quão importante é o papel do professor na vida da criança nessa fase da vida.

A fim de auxiliar os professores nesse trabalho, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil traz diversas propostas pedagógicas, com objetivos específicos e norteadores para o ensino, organizando as informações por idade e necessidade, com objetivos, conteúdos e orientações didáticas para o professor.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil apresenta-se dividido por idades para abranger os múltiplos espaços do desenvolvimento da identidade e da socialização da criança, priorizando as necessidades

consideradas fundamentais para cada faixa etária. Embora as crianças desenvolvam suas capacidades de maneira heterogênea, a educação tem por função criar condições para o desenvolvimento Integral de todas as crianças, considerando, também, as possibilidades de Aprendizagem nas diferentes faixas etárias (BRASIL, 2010).

Assim como devem ser observadas as diferentes faixas etárias das crianças para aplicação de atividades, deve-se, também, perceber aquelas que estão com dificuldades para desenvolver a mesma atividade que a outra criança faz com facilidade. Desse modo, deve-se observar em que aspecto está a dificuldade da criança, pois ao fazê-lo o professor poderá, com o auxílio de outros colegas, desenvolver atividades que auxiliarão no desenvolvimento da criança.

De acordo com Giusti (2014), crianças com distúrbios no desenvolvimento da fala e da linguagem podem apresentar troca de sons na fala, dificuldades na elaboração de frases, dificuldades para relatar fatos, histórias e, ainda, podem ter um vocabulário pobre, déficits de memória etc. A partir do desenvolvimento da fala, ou linguagem oral, é que a criança passa a entender e socializar tudo o que acontece a sua volta, seja na vida educacional ou familiar.

Compreendida dessa forma, a linguagem oral é, num primeiro momento, o canal/elo de ligação entre a linguagem escrita e aquilo que ela pretende representar e, portanto, é pela própria linguagem oral que se dá a internalização de aspectos da aprendizagem da escrita. A linguagem oral serve como substrato para a construção da linguagem escrita, que mais tarde ganha autonomia como sistema simbólico de primeira ordem, autônomo, podendo operar por si mesmo. A linguagem escrita, ao ser internalizada, bem como a linguagem oral, transforma-se para constituir o funcionamento interno (LACERDA, 2013, p. 66).

A linguagem oral vai ser utilizada pela criança no intuito de interagir no cotidiano com as demais pessoas, a fala passa então a ser o objeto do conhecimento adquirido. Vigotsky (2008) destaca a necessidade de diferenciar atividades centradas no cotidiano e a ligação dela na vida escolar, tendo em vista as condições externas e internas de elaboração e em cada uma das situações.

4 DISTÚRBIOS DA FALA

A educação escolar enfrenta hoje vários fatores que tendem a diminuir o aproveitamento das crianças. Tais fatores são comumente chamados problemas, dificuldades, distúrbios, déficits no ato de aprender, e que são intrínsecos ao aprendiz que, quando apresenta tais dificuldades, geralmente é encaminhado a um especialista a fim de possibilitar a superação do problema. No entanto, cabe aqui ressaltar que o insucesso escolar do aluno, na maioria das vezes, é resultante de fatores externos, incluindo-se entre estes a própria escola.

Queixas de professores acerca de crianças que não evoluem na aprendizagem são cada vez mais comuns e grande parte das dificuldades apresentadas referem-se à questão dos conteúdos ou mesmo a aprendizagem da leitura e escrita. É certo que nem todos os alunos com dificuldades apresentarão um quadro clínico de distúrbio de aprendizagem, mas é essencial que os professores estejam preparados para tal possibilidade e que saibam identificar tais distúrbios para um posterior encaminhamento a especialistas e realização de um trabalho pedagógico diferenciado.

Barone (1987, p. 17-18) diz que:

Constata-se que um grande número de crianças que procuram a escola está impedido de lograr sucesso. Quase não aproveitam a experiência vivida e acumulam, ao longo dos anos, lacunas e defasagens que aos poucos as afastam totalmente da vida escolar ou, quando não, terminam a escolaridade de forma precária e com grande atraso. Este fato, além de ser penoso para o indivíduo, reveste-se, também, em prejuízo para a sociedade, considerando a ocupação mais demorada de vagas que poderiam ser ocupadas por novos alunos. Além disso, reflete-se diretamente na competência do profissional que tem acesso ao mundo do trabalho, gerando desempenho de baixa qualidade e estimulação ao subemprego.

Ao educador cabe a tarefa buscar informações sobre o desenvolvimento da linguagem do aluno e, ao perceber as possíveis alterações na fala do buscar ajuda de um especialista que, ao tratar da **deficiência**, orientará o professor a trabalhar melhor com esse aluno em sala de aula. No entanto, esse processo também exige uma autoavaliação do docente, em relação as suas

práticas pedagógicas, visando viabilizar métodos adequados para um bom desempenho no processo ensino/aprendizagem. Do ponto de vista da teoria interacionista sociocultural, Vigotsky assegura que é por meio dos outros que as afinidades entre sujeito e objeto são instituídas e, conseqüentemente, ocorre o desenvolvimento (GUIMARÃES; BATISTA; BATISTA, 2017).

Os distúrbios da fala podem ser classificados em três tipos: **Mudez, Atraso na linguagem e Problemas de articulação. A mudez se caracteriza pela incapacidade de articular palavras, como decorrência de transtornos do sistema nervoso central. Essa incapacidade atinge a formulação e a coordenação das ideias e impede a transmissão em forma de comunicação verbal. Na maior parte das vezes, decorre de problemas da audição, certos tipos de distúrbio cerebral ou, ainda, outros fatores físicos como lábio leporino, dentição mal implantada, más formações da boca e do nariz, além de fatores emocionais e psicológicos, autismo, dentre outros (MORAIS, 2006).**

O atraso na linguagem se dá a partir dos 14 meses, quando as crianças se tornam capazes de pronunciar palavras com significado. Espera-se que, por volta dos três anos, elas já apresentem uma linguagem estruturada. Essa cronologia é relativa e, muitas vezes, a criança tem o desenvolvimento de sua fala mais tardio. Isso por vários motivos, dentre eles problemas de audição e fatores emocionais (traumas, carências afetivas, superproteção, desejos atendidos com prontidão, falta de estimulação – crianças em asilos, por ex.). Em princípio, esse atraso é superado após os quatro anos, em outros casos, o problema se transforma em distúrbio de articulação, necessitando de tratamento com profissional especializado. Na escola, essas crianças revelam deficiência de vocabulário, deficiência na capacidade de formular ideias e desenvolvimento retardado da estruturação de sentenças (MORAIS, 2006).

Os problemas de articulação se dão durante a fase pré-escolar. É normal a dificuldade de articular certos sons, pois só por volta dos sete ou oito anos é que os órgãos da fala têm maturidade suficiente para produzir todos os sons linguísticos. Segundo Moraes (2006), os problemas de articulação se subdividem em dislalia, disartria, linguagem tatibitate, rinolalia, disfonia, disfluência e afasia, conforme descrição no Quadro 1.

Quadro 1 – Subdivisão dos problemas de articulação.

TIPO	CONCEITO / MANIFESTAÇÃO
DISLALIA	<p>Omissão, substituição, distorção ou acréscimo de sons na palavra falada. A Dislalia está subdividida em quatro tipos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Evolutiva: considerada normal em crianças e corrigida gradativamente durante o desenvolvimento; • Funcional: quando ocorre a substituição ou eliminação das letras durante a fala e/ou distorção do som; • Audiógena: acontece em indivíduos com deficiência auditiva, pois não consegue imitar os sons; • Orgânica: ocorre em casos de lesão no encéfalo, o que impossibilita a pronuncia correta, ou quando há alteração na boca. <p>Manifestação: troca de “bola” por “póla”; de “porta” por “poita”; de “preto” por “peto”; de “tomei” por “omei”; de “barata” por “balata”; de “atlântico” por “atelântico”. Outro exemplo comum envolve a pronuncia do “K” e do “G”: “ato” ao invés de “gato”; “ma a o” no lugar de “macaco”. As trocas mais comuns são: – P por B; – F por V; – T por D; – R por L; – F por S; – J por Z; – X por S.</p>
DISARTRIA	<p>É um problema articulatorio que se manifesta na forma de dificuldade para realizar alguns ou muitos dos movimentos necessários à emissão verbal</p> <p>Manifestação: fala lenta e arrastada, quebra de sonoridade no ritmo e na entonação, principalmente em momentos de fadiga ou tensão, nos casos mais brandos.</p>
LINGUAGEM TATIBITATI	<p>Distúrbio de articulação e também de fonação em que se conserva, voluntariamente, a linguagem infantil, sendo, geralmente, de causa emocional, podendo resultar em problemas psicológicos para a criança.</p> <p>Manifestação: fala que os adultos acham “engraçadinha”.</p>
RINOLALIA	<p>Caracteriza-se pela ressonância nasal maior ou menor do que a do padrão correto da fala. Pode ser causada por problemas nas vias nasais, por adenoide, lábio leporino ou fissura palatina, acarretando problemas emocionais, pois a criança é ridicularizada pelos colegas que a imitam, gerando problemas de adaptação.</p> <p>Manifestação: voz nasalada. Pronúncia incorreta das consoantes M, N, NG e que parecem ser semelhantes a B, D e G e ruídos nasais voz na articulação de consoantes.</p>
PROBLEMAS DE FONACÃO (DISFONIAS)	<p>Dizem respeito às pequenas mudanças nas características da cadência, da inflexão, da intensidade e do timbre ou tom, as quais funcionam, normalmente, como recursos para expressão de desejos, sentimentos e necessidades. Em certas circunstâncias, porém, esse domínio pode ser abalado, afetando todo o mecanismo de produção de sons e impedindo, portanto, que a expressão verbal se manifeste de forma adequada. Eles podem ser considerados <i>funcionais</i> – quando impedem o controle dos sons, mas envolvem somente os órgãos periféricos; podem ser chamados de <i>orgânicos</i>, por outro lado, quando envolvem o comprometimento do sistema nervoso central.</p> <p>Manifestação: a voz em falsete, a afonia (que começa com uma rouquidão), a pronúncia defeituosa de alguns sons, como <i>m</i> em vez de <i>b</i>, <i>n</i> em vez de <i>d</i>, além da chamada <i>voz monótona</i>, de fundo orgânico, causada por doença no sistema nervoso central, caracterizada pela incapacidade de inflexão de voz.</p>
DISTÚRBIOS DE RITMO (DISFLUÊNCIAS)	<p>Fala produzida com repetições de sílabas, palavras ou conjuntos de palavras, prolongamentos de sons, hesitações, bloqueios, dificuldades para prosseguir a emissão dos sons, mantendo-se a contração muscular inicial. Desvios de assunto em uma conversa e a desorganização de relatos também podem ser agregados à categoria das disfluências.</p> <p>Manifestação: a manifestação mais comum de disfluência é a gagueira.</p>

AFASIA	<p>Perda ou avaria da capacidade de se comunicar mediante a fala, a escrita ou a mímica, em princípio devido à lesão cerebral.</p> <p>Apresenta-se com diferentes manifestações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Afasia sensorial ou receptiva - a pessoa ouve e vê, mas não compreende a linguagem falada ou escrita; • Afasia motora ou expressiva - É incapaz de falar ou escrever adequadamente, mas o aparelho fonador não está paralisado; • Afasia global ou mista - apresenta todas as formas de linguagem afetadas; • Afasia conceitual - Não consegue “encontrar” as palavras nem formular conceitos; • Afasia não-fluente - Tem dificuldade para começar a fala e para produzir as sequências articulatórias e gramaticais); e • Afasia fluente - articula e produz sequências grandes de palavras em construções gramaticais variadas, mas tem dificuldade para encontrar vocábulos.
---------------	--

Fonte: Adaptado de Moraes (2006)

As dificuldades com a fala podem ser variadas, de acordo com a gravidade do quadro, podendo persistir até a idade adulta. Em casos mais graves, é provável que a fala não atinge um nível desejável, porém existem casos menos complexos, nos quais a manifestação se dá por meio da dificuldade em adquirir os sons da língua (trocas de sons na fala). Desse modo, realizar diagnóstico precoce é fundamental, pois assim pode-se fazer um planejamento para cada caso; familiares e professores podem receber esclarecimentos e orientações sobre o problema (GIUSTI, 2014).

5 DESENVOLVIMENTO DA FALA E APRENDIZAGEM

O desenvolvimento da linguagem e a aquisição de uma língua nas crianças são processos surpreendentes. Com cerca de trinta e seis meses de vida, o desenvolvimento linguístico ainda não está completo, porém a maioria das crianças já domina a língua materna em quase todos seus aspectos (fonológico, semântico-lexical, morfológico, sintático e pragmático), sendo capazes de se envolver em conversas com interlocutores adultos, compreender e se fazer ser compreendido.

Tal domínio torna-se ainda mais surpreendente quando se considera que as crianças desenvolvem a linguagem e aprendem a língua materna sem qualquer instrução formal. Além disso, mesmo com as grandes variações

ambientais e linguísticas às quais são expostas, a maioria das crianças não tem afetada sua competência linguística. O que pode ser alterado é o desempenho linguístico, bem como a variação no processo de aquisição da linguagem. Tal naturalidade na aquisição da linguagem provoca uma relativa tranquilidade em pais e profissionais (TAKIUCHI, 2006).

[...] Daí a extraordinária importância de permitir que a criança desabroche em movimento, sem frená-la em excesso e sem descobrir “disritmias” inexistentes, quando ela está, simples e unicamente, curtindo sua infância, vivendo seu próprio ritmo. O que seria a fala, senão o aperfeiçoamento gestual de uma coordenação complexíssima? O engatinhar conduz ao primeiro passo. O balbúcio leva à primeira palavra. O desenhar é um projeto de escrita. Tudo é movimento. E a fala, um movimento aperfeiçoado. Não parece haver a menor dúvida de que o êxito escolar depende do domínio gradual da língua (BLOCH, 1985, p. 27).

Todavia, o processo de desenvolvimento da linguagem pode não transcorrer de forma tranquila para todas as crianças, mesmo para as que apresentam desenvolvimento adequado em todas as outras áreas. Para este grupo, a complexidade da linguagem torna-se um problema a solucionar com os desafios da percepção e produção da fala, as dificuldades de comunicação e os significados compartilhados, ou até mesmo o posterior domínio da gramática e a necessidade de utilizar a linguagem com criatividade.

As dificuldades de aprendizagem estão intimamente relacionadas ao atraso na aquisição da linguagem. Tais dificuldades são alterações no processo de desenvolvimento da expressão e recepção verbal ou escrita. Por isso, a identificação das alterações de aquisição de linguagem deve ser realizada precocemente, a fim de evitar posteriores consequências educacionais e mesmo sociais (SCHIRMER; FONTOURA; NUNES, 2004).

A identificação de problemas de desenvolvimento pelo profissional ou mesmo pela família da criança parece depender de vários aspectos. Quanto maior a gravidade da alteração do desenvolvimento de uma criança, maior é a facilidade e rapidez de sua identificação pelo profissional de saúde. Um outro aspecto se refere à área na qual a alteração se manifesta. Assim, alterações do desenvolvimento motor são mais facilmente identificáveis do que alterações de linguagem e cognitivas. No entanto, estas últimas têm maior correlação com o prognóstico do futuro desenvolvimento. Embora as deficiências graves possam ser reconhecidas ainda na infância, distúrbios de linguagem não são comumente diagnosticados antes dos quatro anos

de idade. Da mesma forma, distúrbios de aprendizagem raramente são identificados antes do ingresso da criança na escola. Alguns estudos sugerem que os profissionais podem estar sub-identificando crianças com dificuldades de comunicação, principalmente os casos menos graves (TAKIUCHI, 2006, p. 2).

O atraso no desenvolvimento da linguagem constitui um grande risco para o início da educação formal. Vocabulários reduzidos e desconhecimento de estruturas sintáticas elaboradas podem tornar a aprendizagem de conceitos e a compreensão de informações um grande desafio (TAKIUCHI, 2006).

A etiologia das dificuldades de linguagem e aprendizagem é diversa e pode envolver fatores orgânicos, intelectuais/cognitivos e emocionais (estrutura familiar relacional), ocorrendo, na maioria das vezes, uma inter-relação entre todos esses fatores. Sabe-se que as dificuldades de aprendizagem também podem ocorrer em concomitância com outras condições desfavoráveis (retardo mental, distúrbio emocional, problemas sensório-motores) ou, ainda, ser acentuadas por influências externas, como, por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada (SCHIRMER; FONTOURA; NUNES, 2004, p. 3).

De acordo com Schirmer, Fontoura e Nunes (2004), quando são estudadas as alterações no processo de aprendizagem da linguagem oral, é frequente a ocorrência posterior de dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita. Semelhantemente, quando se investiga os fatores que antecedem as dificuldades de leitura e escrita, surgem questões acerca das dificuldades de aprendizagem da linguagem. A autora ressalta ainda que, dentre as alterações de linguagem oral existentes na infância somente as dificuldades fonológicas e não as articulatórias podem causar prejuízos ao aprendizado da leitura e da escrita.

O processo de aquisição da linguagem envolve o desenvolvimento de quatro sistemas interdependentes: o pragmático, que se refere ao uso comunicativo da linguagem num contexto social; o fonológico, envolvendo a percepção e a produção de sons para formar palavras; o semântico, respeitando as palavras e seu significado; e o gramatical, compreendendo as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases compreensíveis. Os sistemas fonológico e gramatical conferem à linguagem a sua forma. O sistema pragmático descreve o modo como a linguagem deve ser adaptada a situações sociais específicas, transmitindo emoções e enfatizando significados (SCHIRMER; FONTOURA; NUNES, 2004, p. 2-3).

As crianças com distúrbios específicos de desenvolvimento de

linguagem podem também apresentar dificuldades, no que tange ao desenvolvimento social e emocional. Tais dificuldades aparentemente estão relacionadas a fatores como frustração, rejeição e problemas de autoestima devido ao distúrbio de linguagem. Crianças com distúrbios de fala e linguagem geralmente apresentam um estilo de interação social mais isolado, tendo menos iniciativa de comunicação, brincando sozinha ou com poucos parceiros, e são menos populares que seus pares nos ambientes que frequentam (TAKIUCHI, 2006).

[...] O que mais reflete a segurança de uma criança (segurança gerada pelo amor que recebe, de forma sadia e verdadeira) é a sua capacidade de exprimir o que sente e pensa, de expressar-se como ser humano, colocado, adequadamente, na vida familiar e na sociedade escolar, que vai ampliar seus horizontes. O que recebeu em casa vai facilitar o que a escola tem para lhe oferecer E a parte mais importante do que o mundo tem para lhe dar está naquilo que é capaz de dizer e no que está apta a compreender (BLOCH, 1985, p. 40).

Sendo a linguagem um importante fator para o desenvolvimento e a aprendizagem, a língua oral constitui base linguística indispensável para que as habilidades de leitura e escrita se estabeleçam. As habilidades de linguagem receptiva e expressiva também são consideradas sinais precoces da compreensão de leitura. Alguns autores afirmam que crianças com desenvolvimento abaixo do esperado na alfabetização apresentam um desempenho insatisfatório em compreensão da linguagem, produção sintática e tarefas metafonológicas (MOUSINHO et al., 2008).

Crianças acometidas por distúrbios de fala e linguagem apresentam problemas sociais e comportamentais em longo prazo, incluindo-se as dificuldades de aprendizagem. Tais dificuldades podem aumentar caso os distúrbios não sejam tratados; cabendo, portanto, a pais, professores e outros profissionais detectar tais dificuldades e, assim, buscar os meios para proporcionar um melhor desenvolvimento da criança, tanto na questão da aprendizagem escolar quanto na vida social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da linguagem corresponde à aquisição satisfatória de um sistema linguístico que possibilita a inserção do indivíduo no meio social, possibilitando que ele assuma uma identidade única em meio à multidão, bem como implicando no desenvolvimento dos aspectos cognitivos intrínsecos ao ser humano.

Mesmo sendo um processo relativamente simples e mesmo que analisado superficialmente, não há como negar a importância do desenvolvimento global, uma vez que o atraso no processo de linguagem pode acarretar dificuldades para o amadurecimento e experimentação da linguagem necessária ao processo de aquisição da leitura e da escrita. A imaturidade linguística se reflete em um vocabulário reduzido, bem como em restrições à forma de conhecer e perceber o mundo.

Problemas na aquisição da linguagem ou mesmo no desenvolvimento fonológico como dificuldades na produção dos sons da fala ou discriminação dos mesmos acabam por refletir no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Isso pode fazer com que a criança demore mais para adquirir autonomia nesses processos, ou mesmo em problemas maiores de aprendizagem e desenvolvimento social. Assim, faz-se necessária uma atenção especial às crianças durante todo o período de aquisição da linguagem, a fim de detectar logo cedo possíveis problemas que venham a interferir em seu processo de aprendizagem.

Os problemas observados nas crianças podem, inclusive, ultrapassar a questão de leitura e escrita. Compromete a capacidade interpretativa da criança quando essa não consegue desenvolver os processos corretamente e, ainda, aparecem os problemas cognitivos, bloqueios de aprendizagem e retardo no desenvolvimento psicossocial.

Uma criança com problemas na aprendizagem acabará por se sentir inferior aos outros, interiorizando cada vez mais seus sentimentos, sem saber como se expressar ou mesmo pedir ajuda. Portanto, é dever de todos aqueles responsáveis pela educação: família, escola, e grupo social, ficar atentos ao desenvolvimento da linguagem, oferecendo estímulos necessários, auxiliando no processo, facilitando o desenvolvimento da criança em todos os campos.

Neste estudo realizado, não há a pretensão de esgotar o assunto, pois se trata de tema complexo, sendo sempre necessária uma reflexão. Os aspectos aqui discutidos necessitam de constante estudo, a fim de se buscar caminhos para orientar pais e professores na busca de um auxílio efetivo às crianças com dificuldades de aprendizagem em decorrência de problemas de linguagem.

REFERÊNCIAS

BARONE, L. M. C. Considerações a respeito do estabelecimento da ética do psicopedagogo. In: SCOZ, B. J. L. et al. **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p. 17-21.

BARROS, T. N.; GOMES, E. O perfil dos professores leitores das séries iniciais e a prática de leitura em sala de aula. **Revista CEFAC**, v. 10, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v10n3/v10n3a08>>. Acesso em: 27 out. 2018.

BERTOLDI, M. E. **Psicologia da Aprendizagem**. Curitiba: Fael, 2010

BLOCH, P. **Voz e fala da criança**. 2. ed. Nordica, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos**, Brasília. 2002.

CARVALHO, A. J. A.; LEMOS, S. M. A.; GOULART, L. M. H. F. Desenvolvimento da linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática. **CoDAS**. 2016, vol.28, n.4, pp.470-479. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/codas/v28n4/2317-1782-codas-28-4-470.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2018.

COLAÇO, V. F. R. Processos interacionais e a construção de conhecimento e

subjetividade de crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 3, p. 333-340, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a06v17n3>>. Acesso em: 27 out. 2018.

ELKONIN, D. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GIUSTI, E. **Distúrbios de Linguagem & Transtornos de Aprendizagem**. 2014. Disponível em: <<http://www.atrasonafala.com.br/disturbios-de-linguagem-transtornos-de-aprendizagem.html>>. Acesso: em Maio/2014.

GUIMARÃES, H. O.; BATISTA, L. K. S.; BATISTA, E. C. A inclusão escolar e as políticas educacionais: possibilidades e novos caminhos. **Revista FAROL**, v. 5, n. 5, p. 114-128, 2017. Disponível em: <<http://revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/81>>. Acesso em: 21 out 2018.

LACERDA, C. B. F. É Preciso falar bem para escrever bem?. In: SMOLKA, A. L.; GOES; M. C. R. **A Linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. 12. ed. Papyrus, 2013, p. 65-100.

MORAIS, M. L. C. **Fatores Intervenientes no processo de aprendizagem: um olhar psicopedagógico**. 2006. disponível em: <<http://www.abpp.com.br/artigos/72.htm>>. Acesso em: Maio 2014.

MOUSINHO, R. et al. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso**. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 25, n. 78, p. 297-306, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v25n78/v25n78a12.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

NOGUEIRA, A. L. H. Eu leio, ele lê, nós lemos: processos de negociação na construção da leitura. In: SMOLKA, A. L. B.; GÓES, M. C. R. **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

OLIVEIRA, J. S.; BATISTA, E. C.; FERREIRA, D. F. Os contos infantis nas séries iniciais: uma breve contextualização. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/1148>>. Acesso em: 27 out. 2018.

SCHIRMER, C. R.; FONTOURA, D. R.; NUNES, M. L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 2, p. 95-103, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa11.pdf>>. Acesso em: Maio/2014.

TAKIUCHI, N. **O impacto dos distúrbios de desenvolvimento de linguagem na aprendizagem.** 2006. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/download/diversos/noemitakiuch.pdf>>. Acesso em: Maio/2014.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2008.